

Entrevista

6x Rogério: plantando a História com sorriso e semeando amigos

POR LETÍCIA DOS SANTOS FERREIRA & YLLAN DE MATTOS

Este segundo volume da *7 Mares* foi todo dedicado ao professor Rogério de Oliveira Ribas. Figura das mais carismáticas no departamento de História da Universidade Federal Fluminense e dono de um encantador e contagiante sorriso. Todos que tiveram a oportunidade de conviver com este mineiro de Belo Horizonte têm histórias para contar. Era, como disse, Ângelo Assis “do tipo que preenchia o espaço. Alto, grande, elegante, não passava despercebido, principalmente quando falava, com sua voz potente a irradiar alegria”.

Na vida acadêmica, Rogério se graduou em História pela Universidade Federal Fluminense, na qual lecionou sobre os períodos da Baixa Idade Média e do início dos Tempos Modernos desde 1979. O mestrado foi concluído na Universidade Federal do Paraná com um estudo sobre a escravidão e as tropas de café nas lavouras de Vassouras, em 1989. Já o doutorado foi o trabalho de uma vida e pelo qual se tornou conhecido no mundo acadêmico. Em 2005, na Universidade de Lisboa e sob orientação de dois dos maiores historiadores dos temas inquisitoriais, António Borges Coelho e António Dias Farinha, concluiu a tese *Filhos de Mafoma*, uma investigação de fôlego sobre o chamado *criptoislamismo* no Portugal quinhentista. Seu precoce falecimento, em janeiro de 2012, não o permitiu acompanhar os últimos detalhes da publicação desta pesquisa pela editora Alameda, de São Paulo (ainda no prelo).

Diversos olhares sobre o historiador foram concedidos a *7 Mares*. São dessas histórias vividas, para contar, ouvir e relembrar, que trata essa seção *Entrevista*. Depoimentos coletivos com um toque acadêmico e saboroso da amizade daqueles que a provaram.

Seu primeiro e único orientando de doutorado, concluído em 2011, Alex Silva Monteiro, falou um pouco dessa relação:

Falar do professor Rogério de Oliveira Ribas é sempre lembrar com carinho e saudade de um grande mestre e, acima de tudo, de um amigo. Quando iniciei o curso de graduação em História na UFF, pelos idos de 1997, o professor Rogério estava licenciado para seu doutorado. Em conversas com outros professores, ainda no primeiro semestre, ao dizer dos meus interesses de pesquisa, fui logo alertado por estes que o professor Rogério estava para voltar às suas atividades docentes e que eu encontraria nele um orientador adequado para minhas aspirações. Dito e feito, após seu retorno, tive a oportunidade de cursar duas disciplinas ministradas por ele e acabei o tendo como

orientador do meu TCC, cujo o tema me foi por ele sugerido. Tema esse que pude levar para o mestrado dado o ineditismo e o trabalho com fontes primárias. Foi ele quem me encaminhou à pesquisa das fontes inquisitoriais lusitanas.

Nos cursos por ele ministrados, lembro-me de por muitas vezes sair da UFF após o apagar das luzes, pois o professor Rogério, no afã dos debates, acabava perdendo a noção do tempo e deixava as aulas romperem o horário de término do turno. E a falta de luz solar parece que era o sinal para despertá-lo a criatividade. Lembro-me de por várias vezes ficarmos ao telefone falando por horas na madrugada.

O professor Rogério sempre foi uma pessoa muito generosa e amiga em todos os momentos da minha trajetória acadêmica. Lembro-me que nos meus preparativos para viajar para Lisboa, com o intuito de pesquisar as fontes para o meu doutorado, ele teve o trabalho de me ajudar a organizar toda a viagem: os lugares turísticos que ele achava indispensáveis a minha visita, os arquivos a serem pesquisados e onde me hospedaria. Nesta viagem, fiquei sitiado em três cidades diferentes, em todas, nos lugares indicados por ele. Ambientes aconchegantes, bem localizados e de um bom custo benefício, dado minha condição de estudante em viagem pela Europa. Em Portugal, a pessoa que me recebeu em sua casa não poupava elogios e palavras carinhosas ao falar do professor Rogério e dos anos que ele passou por lá. Fui lá recebido como se fosse da família, dado o fato de ter sido indicado por ele. No dia do embarque para Lisboa, ele foi até ao aeroporto para se despedir e passar as últimas orientações, as vésperas do Natal, dia 24 de dezembro de 2007. Saudades do amigo, professor e orientador Rogério Ribas.

Angelo Adriano Faria de Assis, da Universidade Federal de Viçosa, também contou um pouco da generosidade e disponibilidade de Rogério para o mundo. Lembra ele:

Liga pro Rogério! Ouvei este conselho de meu orientador, Ronaldo Vainfas, e de Célia Tavares, em socorro a um pedido que havia feito. Era 2001 e estava no meio do meu doutorado. Havia sido contratado para ministrar aulas na graduação em História na Faculdade de Formação de Professores da UERJ, e ficara responsável por duas disciplinas. A primeira, História Antiga do Ocidente, e a segunda, História Medieval do Oriente. Desta, pouco ou nada sabia do tema. Procurei então Ronaldo, que me passou o número de Rogério Ribas e me disse para telefonar-lhe, que me ajudaria a entender o assunto. Célia reforçou a dica, lembrando que Rogério era o grande especialista no tema.

Nunca gostei de ligar para os meus professores, ciente de que tinham incontáveis tarefas e que não deveriam ser incomodados com problemas pequenos. Mas precisava mesmo da ajuda do Rogério, e tomei o telefone. Identifiquei-me, esperando que fosse ouvir uma ou outra dica rapidamente sobre a disciplina de Medieval do Oriente, e que dali pra frente teria que achar o meu caminho. Mas que nada! Rogério não me deixava desligar. Ficou mais de duas horas a falar comigo, alguém que eu nem sequer sabia se de mim lembrava ou conhecia, construindo a estrutura da disciplina, explicando o objetivo do curso que eu deveria preparar, me ajudando a pensar as unidades e os itens, citando fontes, livros, textos soltos, indicando possibilidades de atividades e avaliações em classe, se oferecendo a emprestar material e colocando-se à disposição para responder qualquer nova questão a qualquer momento, quando necessário fosse. Aprendi, ali, a gostar dele. No final da conversa, já me sentia totalmente grato ao Rogério, e triste por não ter feito esta disciplina com ele, pois tudo parecia fascinante em sua explicação, num misto de conhecimento e emoção com o seu tema de trabalho. Dava, assim, uma lição de profissionalismo, deixando gritar seu amor

pelo que fazia, a responsabilidade de ser professor. Meu curso, ao fim, longe de ser brilhante – por culpa minha – como Rogério me ajudara a pensar, deveu-se muito à sua gentileza e boa vontade em ajudar a pensá-lo.

Na pesquisa histórica foi também companheiro, como lembra a professora Daniela Bueno Calainho, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro:

Rogério era um apaixonado pelos arquivos. Nossa convivência em Lisboa, entre 1997 e 1998, época em que ganhei uma bolsa da CAPES para finalizar o meu doutorado, foi de intenso trabalho, mas sempre com alegria e muitas risadas. Sua acolhida foi fundamental para ter transformado o frio inverno lisboeta dos idos de 1997, em um tempo agradabilíssimo. Ele também estava terminando a tese, e pesquisamos juntos por meses no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Tinha a maior paciência do mundo para enfrentar a leitura dos documentos manuscritos, alguns bem difíceis, e persistia, com calma e determinação, até conseguir decifrar cada letra borrada ou mal arranjada no papel. Na reta final, a pesquisa foi intensa, abrindo e fechando o arquivo, por vezes irritando todo mundo porque não conseguia se despregar dos documentos na hora devida. Foi incansável, perseguindo todo o material para sua tese, a ponto das funcionárias temê-lo nas demandas por fotocópias. Sempre com simpatia, amizade e muito papo, encantou a todas e conseguiu trazer tudo o que quis. Creio de Rogério não deva ter utilizado nem metade do volume de fontes que pesquisou...

Em tantos anos de convivência e amizade, a presença e o alto astral de Rogério tornaram alguns momentos difíceis muito mais amenos. Onde quer que ele esteja agora, certamente estará espalhando sua alegria...

Angelo Assis também nos falou um pouco sobre tudo isso:

Era também um pesquisador de mão cheia. Ouí muitas histórias de colegas que recorreram a Rogério, no longo período em que viveu em Portugal para suas pesquisas, para que pesquisasse documentos ou fornecesse qualquer tipo de apoio necessário aos pesquisadores brasileiros numa época em que era muito mais custoso do que hoje atravessar o Atlântico em busca de fontes ou material de estudo. Gostava de ouvi-lo pronunciar, em suas apresentações, trechos dos documentos que analisava: em árabe, com pompa e circunstância, revelando, em seguida, o significado do que dissera, e que poucos (ou ninguém) entendiam no original.

Poucos meses depois, durante um período de pesquisas na Torre do Tombo, em Lisboa, conversava com outra sua (nossa) grande amiga, Georgina Santos, e lhe mostrava um processo que me havia despertado interesse, mas que me parecia praticamente impossível de ler, pela escrita difícil. Já disposto a desistir do documento, ouvi de Georgina o conselho para que mandasse digitalizá-lo, pois Rogério poderia me ajudar na paleografia, e que leria tudo com facilidade, pois a dominava muito bem pelos anos passados decifrando as caligrafias dos documentos do Santo Ofício português. Assim o fiz. Tenho ainda o processo, mas não pude mostrá-lo ao Rogério, e sua leitura continua congelada, à espera de um futuro encontro, quem sabe.

A dificuldade de ler aqueles documentos do século XVI, com letras próximas à escrita árabe, foi sempre um desafio lúdico para Rogério. Sua tese foi nos explicada com detalhes pelo

professor e amigo Ronaldo Vainfas em seu depoimento:

A principal contribuição de Rogério Ribas foi, sem dúvida, sua tese de doutorado defendida na Universidade de Lisboa, em 2004. O título: *Filhos de Mafoma: mouriscos, criptoislamismo e Inquisição no Portugal quinhentista*. Mafoma era uma das formas usadas pelos portugueses para designar o profeta Maomé, decerto corruptela de Mohamad ou Mohamed. O título já diz muita coisa. Rogério se propôs não apenas a estudar a repressão contra os mouriscos no século XVI, senão a desvendar o universo sócio-cultural da comunidade. Para tanto, as fontes da Inquisição podem ser valiosas, como se sabe pelos estudos sobre feiticeiros, cristãos-novos-judaizantes e muitos outros réus. Mas estudar os ritos e crenças de uma comunidade criptoislâmica, convenhamos, não é para qualquer um. Rogério era o único historiador brasileiro, até onde sei, capaz de fazer esta pesquisa. Isto porque, durante décadas, lecionou história do Islã na Universidade, aprofundou seus conhecimentos bibliográficos, conhecia como ninguém o Corão, as suras, os costumes de várias regiões islamizadas etc. Possuía uma rica biblioteca sobre assuntos islâmicos.

A tese, que deve virar livro em breve – esperemos –, trouxe, neste ponto, grande novidade para os estudos sobre os mouriscos em Portugal. Na Espanha, eles já estavam mais estudados, mas em Portugal quase nada. Um livro recente sobre o tema foi o de Isabel Drumond Braga, professora da UL: *Mouriscos e cristãos no Portugal quinhentista: duas culturas e duas concepções religiosas em choque*. Publicado em 1999, oferece um panorama das perseguições, esboça uma sociologia história das comunidades, mas não mergulha no universo cultural da comunidade em termos histórico-antropológicos.

Antes dela, a obra de referência, embora tenha permanecido por muitos anos inédita, foi a de Ahmed Boucharb, historiador marroquino. Refiro-me à sua tese de Doctorat d'Etat, defendida em Montpellier, no ano de 1987: *Les crypto-musulmans d'origine marocaine et la société portugaise au XVIe siècle*. A versão em português saiu em 2004, não sei se integral, com sugestivo título: *Os pseudo-mouriscos de Portugal no século XVI*.

É trabalho de peso, muito documentado, com tese frontalmente oposta à do Rogério. Posso dizer que Rogério construiu sua tese como uma antítese do trabalho de Boucharb, para quem os mouriscos residentes em Portugal não tinham nenhum vestígio de devoção islâmica. Tudo o que confessavam de islâmico era por pressão dos inquisidores. Boucharb destaca muito, *et pour cause*, os numerosos casos de mouriscos processados por tentativa de fuga para o Marrocos. Defende que o que pesava, nesse caso, era a saudade da terra natal, da pátria, no sentido que se dava ao termo naquela época. Mas nota-se, na tese de Boucharb, um certo ânimo nacionalista ao tratar dos mouriscos, majoritariamente marroquinos, no caso português.

Com todo o respeito pela tese de Boucharb, a de Rogério me convence muito mais. Antes de tudo, porque leva a sério a dimensão religiosa da questão. Basta citar, como exemplo, uma descoberta sensacional da tese de Rogério: a existência de uma criptomesquita nas estrebarias del rei, dom João III, liderada por um certo Duarte Fernandes, conhecido entre eles, mouriscos, como Cid Abdela – “senhor servo de Deus”. O homem foi relaxado ao braço secular, isto é, morreu na fogueira. É um caso incrível, porque a denúncia contra o Cid partiu de alguém da comunidade que, pouco depois, foi assassinado. O Santo Ofício tentou investigar o crime, mas não avançou.

Basta este exemplo para demonstrar a enorme contribuição da tese do Rogério para este campo específico. Aliás, sempre que apresentou resultados parciais da pesquisa, em Portugal ou na Espanha, o trabalho despertou grande interesse e admiração dos especialistas. Um dos grandes incentivadores dele foi o grande historiador António Borges Coelho. Por aí se pode aquilatar a

consistência do trabalho.

Outra contribuição original tem a ver com a conceituação histórica mais precisa dos mouriscos, que Bucharb considerava “pseudo-mouriscos”! Rogério faz importante distinção entre os mouriscos da Espanha e os de Portugal. Mostra que os primeiros vinham de longe, herdeiros da forte presença muçulmana, nos reinos hispânicos, árabes ou berberes, desde a Idade Média. Já os mouriscos portugueses eram “recentes”, porque a comunidade mais antiga saiu de Portugal quando do decreto de conversão forçada de dom Manuel, em 1496. Os mouriscos que caíram na teia da Inquisição eram, em grande maioria, escravos capturados nas campanhas portuguesas no norte da África. Muitos deles alforriados. Em todo caso, a diferença é crucial. Por isso, Rogério define os mouriscos da Espanha como “filhos da Reconquista”, enquanto os de Portugal seriam “filhos da expansão”. Da expansão marítima e das conquistas portuguesas no além-mar.

O futuro livro de Rogério Ribas é tese com tese. Será publicação muito bem-vinda no campo dos estudos inquisitoriais e das crenças religiosas no mundo ibérico do século XVI.

No seu depoimento, Célia Tavares, professora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, lembra uma dos maiores gostos, além e em consequência da História, de Rogério: comer. Conta ela que:

Certa vez estávamos participando de um encontro internacional sediado na cidade do Porto. Num dia especialmente chuvoso, à noite fomos todos jantar. Rogério chegou um pouco atrasado. Logo pediu um belo caldo verde de entrada. Em seguida, pediu uma cataplana de frutos do mar. Duvidei que fosse capaz de dar conta de tanta comida, ainda mais depois de enfrentar um pote generoso de caldo verde. Homem forte, Rogério deu conta de toda cataplana. Admirei-me e nunca esqueci este feito que serve para ilustrar o apetite de vida que nosso colega tinha e que extravasava para tudo que fazia.

Angelo lembrou também um fato parecido:

Caminhando pela cidade [de Viçosa], procurando guloseimas e queijos caseiros para levar aos irmãos no Rio – e foram dúzia ou perto disso... –, recitando receitas culinárias de que gostava ao avistar alguns produtos (queria, a qualquer custo, comprar um saco de batata baroa...), rodeava-se dos amigos queridos – Daniela Calainho, Bruno Feitler, Georgina Santos, Célia Tavares, Mário Branco, Jacqueline Hermann, Laura de Mello e Souza – em histórias saborosas. Sinal de que Rogério sabia, e muito bem, como semear amigos, nesta conversa pelas ruas de Viçosa.

Rodrigo Bentes Monteiro, que foi seu colega no departamento de História da Universidade Federal Fluminense, também contou-nos algumas das lembranças do convívio com Rogério.

Conheci pessoalmente Rogério em 1999, num congresso em São Paulo. Mas somente em 2002, com o meu ingresso na UFF, fui ter mais contato com ele, quando voltou de sua longa estada em Lisboa e escrevia sua tese de doutorado. Desde logo ele fez-se próximo, conversando sobre Portugal, amigos em comum, oferecendo-me para me dar carona quando eu estava casualmente sem carro, apesar dele morar em Madureira e eu em Laranjeiras. Um grande amigo português historiador, assim que chegava ao Rio, me disse mais de uma vez: “- Rodrigo, ‘gostava’ muito de

rever o Rogério...””, numa promessa de riso certo e boa conversa. Era queridíssimo, incapaz de fazer mal a alguém. Rogério era também o cicerone perfeito para levar os nossos amigos/colegas estrangeiros ou de outros estados aos ensaios das escolas de samba perto de sua casa. Como sambava... Sempre foi para mim algo intrigante a sua mescla de seriedade como pesquisador, carisma como professor e de alegria de viver. É verdade que já fui tê-lo como colega quando ele estava um tanto cansado das aulas. Mas ele sempre foi intenso nos cursos com os alunos, mesmo quando chegava atrasado. Uma das cenas mais marcantes deste contraste entre a minha rigidez de horário e o seu estilo habitual de dar aulas decorre justamente de quando eu deveria dar aulas na UFF, por volta de 2005/2006, às 20 horas, numa sala antes ocupada por ele – teoricamente desde as 18 horas. Obviamente, nunca o Rogério chegava a tempo, invariavelmente estendendo a sua aula pelo horário seguinte. E eu, certinho, vindo de uma família de militares e com anos de estrada como professor de colégio católico, queria sempre iniciar a aula pontualmente às 20 horas, ainda mais no segundo turno, para terminar a tempo dos alunos poderem pegar a barca das 22 horas para o Rio. Então ia para o corredor e ficava andando de um lado para outro, agoniado porque o colega e amigo não terminava a sua aula. E, ao contrário, ele estava então “no seu auge”, envolvendo a todos, isso lá pelas 20:15, prometendo chegar às 20:30! Isso se repetiu algumas vezes naquele semestre. Até que, uma noite, vindo-me na pressão de sempre no corredor, ele desabafou bem alto: “- Mas que inferno! Esse menino não me deixa dar aula e me concentrar!” Mas o tom com que falou nunca ofenderia alguém, pois rimos todos a valer, eu, ele e os alunos. Rogério era também o bom conselheiro das relações de trabalho e de amizade, sempre ponderado, flagrando-me por vezes na minha precipitação. Brincava comigo quando eu era o coordenador da Cia das Índias, dizendo que eu só pensava na “Companhia”, enchendo a boca e pronunciando o nome de uma forma engraçada. Com ele aprendi a ter respeito por sua religiosidade, e sobre a pequenez de muitos dos nossos conflitos e problemas da vida acadêmica. Com sua partida, aprendi que as grandes perdas de uma universidade não são apenas medidas pelos currículos, pois certos colegas, por suas qualidades humanas incomensuráveis, fazem em muitas situações um bem enorme ao ambiente acadêmico, por vezes tão pobre de generosidade. Ele faz-me uma grande falta.

Não foi sem razão que a saudade tomou todos, terminando sempre os depoimentos com essas palavras ou mesmo, sorrindo, quando provavelmente também recordavam do sorriso exageradamente saboroso de Rogério Ribas.